



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL**

**CRISTIANE MARIA SIKORA**

**AS DIFICULDADES E CONQUISTAS DA MULHER DO CAMPO NA REGIÃO  
DO GUAJUVIRA, ARAUCÁRIA – PR.**

**ARAUCARIA -PR**

**2018**

**CRISTIANE MARIA SIKORA**

**AS DIFICULDADES E CONQUISTAS DA MULHER DO CAMPO NA REGIÃO  
DO GUAJUVIRA, ARAUCÁRIA – PR.**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Gestão e Processos em Educação Diversidade e Inclusão, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Silvana Cassia Hoeller

**ARAUCÁRIA**

**2018**

# **As dificuldades e conquistas da Mulher do Campo na Região do Guajuvira, Araucária – PR.**

Cristiane Maria Sikora

## **RESUMO**

A pesquisa partiu da realidade vivenciada e conhecida da autora, sobre a vida das mulheres, principalmente da região do Guajuvira, visto que em muitos casos as mesmas parecem não ter muita autonomia para fazer as escolhas de vida. Sabendo da dependência emocional e até mesmo financeira acabam deixando seus sonhos adormecidos seguindo uma vida geralmente imposta. A literatura traz um histórico de inferioridade feminina, onde a mulher é vista como um ser dependente e frágil, porém isto tem sido superado pelas lutas e conquistas, conforme vivências e registros atuais. A mulher cada vez mais tem conquistado seu espaço, mas nesta região, isto ainda para muitas é um sonho. A pesquisa baseou se na busca de materiais bibliográficos para compor a fundamentação teórica e na pesquisa de campo por meio de entrevista com as mulheres sobre a vida e experiências das mulheres, seguindo da estruturação do artigo.

**Palavras-chave:** mulheres, dificuldades, autonomia, realidade.

## **1 INTRODUÇÃO**

A literatura traz um histórico muito interessante e repleto de contradições sobre a mulher, passando da igualdade entre os homens à inferioridade feminina, onde a mulher era vista como um ser independente e capaz à dependente e frágil.

Compreender a história da trajetória feminina ajuda a entender os fatos ao longo da história porque a mulher tornou se tão dependente e discriminada, porém isto tem sido superado pelas lutas e conquistas, conforme vivências e conquistas aos registros dos últimos tempos, destacando toda trajetória feminina ao longo da história.

A pesquisa partiu da realidade vivenciada e conhecida, sobre a vida das mulheres, principalmente desta região do Guajuvira e até mesmo outras localidades, visto que em muitos casos as mesmas parecem não ter muita escolha. Sabendo da dependência emocional e até mesmo financeira acabam deixando seus sonhos adormecidos seguindo uma vida geralmente imposta pela cultura de seus descendentes.

Diante da realidade atual, a mulher cada vez mais tem conquistado seu espaço, mas nesta região isto ainda para muitas é um desejo. A pesquisa baseou-se na busca de materiais bibliográficos para compor a fundamentação teórica e da pesquisa de campo, por meio de entrevista com as mulheres sobre a vida e vivências das mesmas.

A pesquisa realizada é um estudo desenvolvido por meio de questões qualitativas que foram baseadas em narrativas obtidas durante o trabalho de pesquisa de campo da pesquisadora, desenvolvido por meio de entrevistas. As quais foram organizadas e estruturadas com perguntas abertas, que constituem informações sobre a organização familiar. E qual é o seu papel como mulher? Como são tomadas as decisões e como são resolvidos os impasses? E ainda sobre a educação dos filhos, como se dá e o que se espera?

Os critérios utilizados para a seleção das mulheres foi buscar pelas em que a pesquisadora tinha menos contato e conhecimento, sendo as mesmas são residentes na localidade, sendo composto por um grupo de 10. Com as mulheres escolhidas estava prevista a entrevista com perguntas pré-estabelecidas, sendo que às famílias são muito desconfiadas, sempre achando que algo pode ser feito contra eles. A pesquisa foi descrita conforme os relatos das entrevistadas, muitas vezes não sendo respondidas as perguntas gerando outras e novas informações, as quais seguem apontadas no texto.

O artigo está estruturado com o histórico sobre a vida da mulher ao longo da humanidade, que faz parte da fundamentação teórica, a entrevista, os resultados e as considerações. O primeiro trata de um breve relato sobre o histórico da mulher do período primitivo, onde a mulher tinha igualdade de condições, com a perda da autonomia até a atualidade com os movimentos de organizações de mulheres abordando a discussão de gênero e o início da reorganização da reconquista do seu espaço.

A fundamentação teórica busca autores que embasem a pesquisa a fim de auxiliar a compreensão do porque ainda hoje muitas mulheres não conseguem essa autonomia e liberdade. A entrevista busca conhecer esta realidade e como as escolhas ocorrem na prática diária vivenciada por elas e como estas mulheres agem e reagem frente a estas escolhas.

A pesquisa aponta que as mesmas aceitam sem questionar, apenas repetindo uma cultura herdada de seus antepassados que apontam para uma vivência cultural desta região que vem sendo passada de geração em geração e acreditam ser normal.

### **As dificuldades e conquistas das mulheres, marco teórico: do histórico**

Ao longo da história as mulheres conquistaram muitas coisas, inclusive a liberdade de escolha e autonomia pessoal. Muitos trabalhos destacam estas conquistas, o que tem sido objeto de muito estudo e pesquisa.

A escolha do tema se deu pela experiência vivenciada por minha mãe e por mim posteriormente, a qual eu fui “proibida de estudar”, sob o pretexto de ser mulher e não ser preciso. Naquele momento foi muito frustrante, tendo em vista que eu queria uma realidade diferente daquela que eu estava inserida e não via no casamento uma “profissão”.

Ao escolher o tema e objetivo de estudo procurei compreender porque ainda hoje em muitos casos as mulheres não têm muita escolha, ela se obriga a seguir as escolhas impostas por sua família, seus pais e companheiros, principalmente nesta região do Guajuvira.

Partindo da fundamentação teórica, em que utilizei o autor Fernandes, com base na história da mulher, desde a sociedade primitiva, quando ela era igual ao homem sem diferença, onde a espécie humana passa a produzir seu sustento conforme a necessidade, eram povos nômades, passando a organização de clãs, tribos sem possuir bens ou propriedades. Não havia diferença entre homem ou mulher que desconhecia a reprodução e ou descendência.

De acordo com o autor ainda na idade da pedra, a terra era comum a todos e a agricultura começa a ser explorada, onde as mulheres se destacam neste trabalho, dando início na separação do trabalho, por esta permanecer mais próxima às casas, passa a domesticar alguns animais e se dedica aos afazeres

mais próximos. Já os homens se dedicavam mais a caça ou a guerra, o que desenvolviam outras capacidades, como a proteção.

Mais tarde com a descoberta do ferro, do bronze muita coisa avançou, tanto na sociedade quanto na agricultura, com a criação de muitas ferramentas que auxiliavam no trabalho. Nesta época o trabalho das mulheres passa a ser substituído pelo dos homens, até mesmo pela força que era necessário e esta passa a ser excluída, deixando de participar do trabalho, ficando à margem, apenas como reprodutora e responsável pela casa.

Sendo o homem o proprietário das terras e conseqüentemente da mulher, que neste momento não podia se sustentar e passa a depender do homem, sendo este o responsável em manter a família. Nesta época surge a propriedade privada, a herança, hereditariedade, sendo assim os homens tem o compromisso em cuidar e manter a família e a mulher perde seu espaço, ficando restrita aos mandos e dependente dos homens. A agricultura se desenvolveu muito, sendo separada do artesanal.

Com o grande desenvolvimento da agricultura e o aumento das famílias, surgem os diferentes centros, vilas, que passam a ser conhecidos como cidades, pois o comércio e a produção está em alta. Esta forma de trabalho escravista já não dava conta das necessidades, devido aos avanços da sociedade.

Passamos para a organização feudalista, onde os senhores que haviam conseguido muitas terras e bens agora entregavam partes para outros que precisam trabalhar como os camponeses em troca que parte das produções ou outros trabalhos que deveriam ser realizados em troca. Mas a mulher fica à margem, sem direito ou valor. Quanto aos herdeiros, os homens tinham direitos, já as mulheres até têm direito, mas teria que ter um tutor homem ou seu companheiro como responsável. Ainda as meninas eram obrigadas a se casar com quem sua família indicasse.

Com os avanços e descobertas feitas, este sistema já não se admitia mais, pois o comércio estava em alta e o capital se multiplicava, era preciso mudar. O sistema capitalista se destaca e ganha força, mas a mulher ainda continua na sombra, dependendo dos companheiros e responsável pela casa, sem vida própria ou direito a escolha, ela era mandada e obedecia. Já as mulheres viúvas, pobres ou sozinhas tinham que dar conta da sua sustentabilidade e de seus filhos se tivesse com o trabalho que lhes era

oferecido, geralmente era muito pesado e difícil, sendo estas humilhadas e com trabalhos pesados.

Com o avanço do capitalismo e a industrialização muitas mulheres entraram no mercado de trabalho, só que na competição com os homens a mão de obra destas era vista com menos valor, tanto no trabalho, quanto de salário, pois esta não era vista como responsável pelo sustento do lar, pois era função dos homens. Mas o trabalho era igual, então surge a exploração e a submissão, devido a necessidade de muitas mulheres precisarem do trabalho para se manter estas acabam aceitando. E ainda muitos postos de trabalho são negados às mulheres ficando apenas para os homens.

A organização dominante não é algo mecânico, há uma ideologia de pensamento e argumentos a fim de manter a classe dominada alienada, com mitos e superstições. Sendo a mulher a maior e mais prejudicada nesta ideologia, sendo ela incapaz de pensar, reagir ou buscar algum meio para sua liberdade naquele momento.

Somente com o passar dos tempos que algumas mulheres começam a ter consciência do seu poder, trabalho e valor. A busca pela emancipação se dá com a conquista de seu espaço, o qual não foi vista com bons olhos, pois toda uma sociedade estava contra. Porém diante desta organização e a mão de obra feminina utilizada ser muito expressiva, as mulheres começam a pensar e buscar por mudanças, mas isto não foi fácil, pois ela sofria a discriminação de classe e gênero, sendo vítima de muitos preconceitos, mas elas tinham a capacidade de pensar e agir por si mesmas e assim o fizeram.

As mulheres diante da sua organização de lutas e buscas por melhores condições de vida e de trabalho conquistaram muitos avanços, o que custou até a vida de muitas, um caminho trilhado e conquistado. É uma luta histórica que permitiu a mulher sua liberdade e direito de ser uma cidadã com direitos e espaços iguais, porém ainda percebe-se que em muitos casos isto não é tão real assim e estas mulheres não tem essa conquista.

Muitos são os Movimentos e organizações de mulheres não só as camponesas, mas de toda, buscando por seus direitos e melhorias nas condições de vida, o que faz destas pessoas de direitos igualitários entre os homens.

Mas na vida em sociedade isto não tem sido muito fácil, esta tem formulado um padrão sociocultural que determina como deve ser o papel masculino e o feminino definindo, como por exemplo, “isto é coisa de mulher e aquilo é coisa de homem”, “homem não chora e deve dar conta de sua casa” e “a mulher deve ser mulher”.

Desta forma aprendemos desde cedo o que é ser homem ou mulher e ainda a aceitar como “natural” as relações entre os gêneros, definidas social e culturalmente na sociedade.

Scott (1995) pontua:

[...] gênero pode ser entendido como um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana”.(Scott,1995 p. 86).

As interações humanas se dão pelas experiências vividas e ou transmitidas por membros da família, as quais são estabelecidas pelos próprios membros com base na educação e conceitos recebidos e que normalmente são repassados às gerações futuras, pois é a base, o exemplo e a vivencia que fundamenta.

As experiências e a construção social que determinadas culturas estabelecem ou elegem em relação ao gênero: homens e mulheres vêm de um conhecimento adquirido, tem uma característica social.

Ainda a professora Maria Lucia Vannuchi, em seu trabalho “A construção das identidades de gênero” publicado no caderno espaço feminino (2010), destaca que temos referencias de acordo com cada momento histórico e este é um processo específico de socialização e as vivencias vividas pelos indivíduos e/ou instituições que faz parte pela internalização e exemplos os quais os sujeitos recebem.

A educação que a criança recebe no meio familiar, desde o primeiro momento de socialização, tem um valor fundamental e sendo assim, esta é responsável pela construção e elaboração dos modelos e conceitos de gênero entre meninas e meninos, sendo uma ação modeladora entre os sexos. Assim sendo parece estar apontando que “o modelo feminino é muito mais artificial, envolvendo maior grau de repressão e subordinação” (WHITAKER, apud Vannuchi, 1989, p. 64).

Assim, percebemos que as diferenças entre o gênero masculino e feminino, iniciam-se ainda na infância por meio da educação recebida dos adultos que transmitem aquilo que receberam e esta reflete na vida adulta deste indivíduo que assim aprendeu e vai transmitir.

Essas diferenças normalmente são estabelecidas e transmitidas culturalmente por grande parte das sociedades, religião, famílias, outras vezes até na escola ou na universidade. No entanto, percebemos que não é a característica biológica de um indivíduo, ou seja, o órgão sexual, que vai determinar suas preferências ou personalidade, mas a educação recebida do meio em que este está inserido e que será a base, exemplo que terá para sua vida.

As autoras, afirmam que normalmente o “anonimato, a dependência” das mulheres nestes casos é atribuída à “questão cultural”, que deixa às mulheres a margem das decisões, sendo os homens os representantes da família, nos diferentes espaços e decisões.

Ainda com base nos estudos das autoras, as mulheres, apesar de estarem à margem, anônimas ou escondidas, elas podem tomar decisões, mas no espaço privado, no entanto nos espaços públicos a autoridade é dos homens e representam formalmente a família e estas não veem isto como desrespeito, pois foram educadas e ensinadas assim.

Atualmente e diante dos avanços, precisamos buscar avançar e enfrentar os desafios entre as diferenças de gênero, uma vez que não só no mercado de trabalho são ainda muitas as diferenças, e pela sua particularidade estrutural, difíceis de serem superadas, mas na própria família, que é a base para as novas gerações.

Observando os aspectos desta questão destaca-se que as desigualdades entre os sexos se apresentam com boa regularidade conforme percebida na pesquisa. Normalmente, as desigualdades de gênero se apresentam de duas formas básicas, muito presentes em manifestações de discriminação velada: a desigualdade hierárquica, que se refere às mulheres não terem igualdade no poder de decisão e a desigualdade territorial, que se refere ao fato das atividades econômicas, a maioria dos bens, ou todos estão no nome do marido ou companheiro e as mesmas não terem acesso igual ao dinheiro, sendo dependentes dos cônjuges ou ainda na própria divisão de herança, sob o

pretexto que os meninos precisam, pois devem ter uma base para sustentar as mulheres, já as meninas não precisam, pois serão sustentadas.

Diante da lei somos todas iguais, mas na prática isso nem sempre reflete a realidade, muitas mulheres desistem até mesmo da herança para os irmãos a pedido dos pais, pois serão beneficiadas por seus companheiros ao se casarem.

### **Da pesquisa de campo**

A pesquisa fundamentou se na realidade vivida pelas mulheres da localidade rural do Município de Araucária, na região do Guajuvira, sua maioria é de origem polonesa e traz fortes costumes de seus antepassados vindos da Polônia.

O presente artigo busca compreender, porque as mulheres da localidade rural do entorno do Guajuvira no Município de Araucária, na maioria dos casos pesquisados e analisados revela que as mesmas dependem financeiramente e psicologicamente dos companheiros e ou pais, não tendo consideradas suas escolhas ou gostos.

Procurar conhecer a realidade vivida por elas partiu da realidade vivida por mim pesquisadora desde infância. Minha mãe também foi completamente dependente do meu pai para tudo, ela não tinha sua opinião considerada, era meu pai que dizia sim ou não e todos obedeciam, inclusive me proibindo de estudar, na época.

Mesmo sendo minha vontade de estudar e mudar de vida, fazer outras e novas escolas, foi me negado sob o pretexto de que eu não passava fome e quando casar meu marido iria me sustentar, fui criada assim, cresci ouvindo e tendo aquele modelo, porem de certa forma eu não concordava pois tinha outros sonhos, que ficaram adormecidos por muito tempo.

Minha mãe também teve aquele modelo de vida a qual foi a base para que educasse seus filhos, pois era o que aprendeu e tinha por certo seguiu lo.

A pesquisa busca conhecer esta realidade na possibilidade de superar tal modelo melhorar as condições das mulheres, sabendo que o mesmo é cultural, sendo que elas podem conhecer outras vivencias e fazer outras escolhas, oportunizando assim a escola pode contribuir para o conhecimento e outras possibilidade de escolhas para as alunas terem possibilidades de outras escolhas e assim terem oportunidade de mudanças para suas vidas.

Eu pesquisadora trabalho na escola e tenho observado a recorrência das mulheres serem extremamente dependentes de seus companheiros ou da figura masculina, pais, o que durante o trabalho de pesquisa de campo desenvolvido por meio de entrevistas e conversas ou relato das mesmas e ou percebido sendo que acabou sendo comprovando.

As entrevistas tiveram como foco os seguintes questionamentos:

- Como é a organização familiar? Qual é o seu papel como mulher.
- Como são tomadas as decisões e como são resolvidos os impasses? E ainda sobre a educação dos filhos: como se dá e o que se espera?

A pesquisa aconteceu nos meses de agosto e setembro do ano de 2018 sendo que as visitas ocorreram nos finais de semana, pois a maioria das mulheres trabalha na lavoura durante o dia, ajudando seus companheiros e a noite elas querem um tempo para descanso e ficar com a família, sendo que nos finais de semana se mostrou mais tranquilo e apropriado. Observando que neste espaço geralmente a família toda estava presente.

Ainda foi entrevistada a pedagoga da escola, a fim de contribuir com a pesquisa e observar seu ponto de vista sobre a realidade vivida nesta comunidade.

Ao iniciar percebe-se que nesta localidade a realidade das famílias é um pouco diferente de outras apontadas nos textos, artigos e ou matérias pesquisadas que apontam a necessidade até financeira de buscar por melhores condições, liberdade, oportunidade de trabalho, onde as mulheres buscam por esta independência.

Na maior parte dos textos e estudos sobre a realidade delas, as mesmas tem se organizado e buscado mais oportunidades e superar as dificuldades enfrentadas, pelos diferentes problemas ocorridos, desemprego dos companheiros, separação, abandono, viuvez ou até mesmo as mães abandonadas que precisam manter suas casas com seus filhos.

Tais situações desafiam as mulheres na atualidade, pois as elas precisam enfrentar as situações buscando superar as dificuldades.

Sob este aspecto, é importante considerar que a realidade vivida nesta região, tem por base a agricultura familiar e tem em sua maior parte famílias estruturadas, com terra própria, geralmente passada de geração em geração e

outras adquiridas ao longo dos tempos por meio do trabalho no campo com plantações de diferentes culturas, características desta região.

A mão de obra empregada é a maior parte da família mesma, ou mão de obra temporária de vizinhos ou parentes, em épocas de safra que necessita de auxílio para plantio ou colheita. Ainda as famílias possuem máquinas agrícolas, normalmente próprias, ainda em alguns casos de empréstimo ou aluguel que auxiliam na execução do trabalho.

As casas são feitas na propriedade mesmo, ou nas chácaras (terras) que na maior parte são próprias, adquiridas por herança ou compradas, onde também são realizadas as plantações. Há uma organização estrutural, pois na maioria tem criação de animais, horta, árvores frutíferas, tanto para consumo da família, como para venda do excedente, predominando a agricultura familiar. Estas famílias têm orgulho da terra, cuidados, pois é dali que eles tiram o sustento e vivem.

Diferente de muitas outras organizações ruralistas que buscam e lutam pela terra, pra morar, produzir e viver, aqui eles têm e esta terra tem sua função social assegurada.

As propriedades são próprias e bem organizadas com estrutura adequada para assegurar as condições de vida à família, o que os diferencia de outros movimentos do campo que lutam pelo direito à terra ou até por melhores condições de vida, e estes têm uma visão diferente quanto aos movimentos organizados, ainda muitos veem estes movimentos com certo preconceito.

Neste estudo abordamos a temática da realidade das mulheres, neste contexto, uma vez que elas têm “boas condições de vida” sob a visão geral, porém as mesmas não têm poder de escolha, não têm voz nem vez, sendo na maioria submissas ao poder hierárquico masculino, nas famílias.

Estas famílias têm uma base religiosa herdada de seus antepassados, católicos, os quais têm muito orgulho e frequentam semanalmente a igreja e outros momentos que fazem parte da religiosidade e têm passado para os filhos que desde pequenos são incentivados a vivenciar como a catequese e os atos pertinentes à religião e religiosidade.

A origem passada destas famílias é europeia, nesta localidade a maior parte deles é polonesa, trazendo seus usos e costumes, passando de geração em geração, inclusive a fala. Eu passei recentemente por uma situação

inusitada, sou professora de alfabetização, 2º. Ano e numa produção escrita de texto, os alunos deveriam descrever como é sua casa, um deles escreveu varias palavras em polonês, “sorte a minha que sou de origem polonesa e entendi o que o aluno escreveu”. ( Grifos da pesquisadora)

Ainda quanto aos costumes normalmente o homem tem o poder da palavra final, pois representa a segurança, tanto financeira quanto afetiva, uma vez que é ele que decide o que deve e pode, porem esta realidade não é vista com maus olhos, estando presente e aceita com naturalidade nas famílias, conforme destaca entrevistada Pedagoga da Escola da localidade.

“No contato com as famílias das alunas na escola, e claro que os pais (homens) têm uma postura firme e direta quanto às decisões, onde as mulheres apenas concordam, sem discutir sobre o que pode ou não para as filhas. Porém essas atitudes não são questionadas apenas acatadas”.

A realidade vivenciada no campo e pesquisada possui fundamental importância para compreender tal realidade sabendo que a conquista da qualidade de vida e independência faz parte da vida de qualquer indivíduo, bem como para a conquista de uma identidade própria, o reconhecimento social e acesso ao conhecimento, escolhas e gostos, como bens de consumo ou outras dimensões, pessoais, materiais ou escolhas, que fazem parte da vida em sociedade deve ser considerada e ate como garantia na legislação atual.

Durante a pesquisa o dialogo foi produtivo, as mulheres falaram sobre as escolhas, sua vida, justificaram suas escolhas, porém havia troca de olhares entre seus companheiros para a aprovação ou não e quando falavam algo que os companheiros não concordavam ou tinham outra ideia ou opinião, a fala era retomada, desviando o sentido inicial e reconsiderada.

Destacando que as mulheres visitadas são casadas tanto no civil, quanto no religioso, sendo parte muito importante da cultura local, não se admite viver maritalmente sem se casar. E em raras as hipóteses se admite a separação, porém a mulher passa a ser vista como “divorciada”, gerando apreensão entre as mesmas, que acabam se calando deixando de fazer outras escolhas para manter seu casamento, por medo de ficarem sozinhas, sendo assim aceitando aquela condição que lhes é imposta.

## **Percepções do campo**

Foram pesquisadas dez famílias de escolha aleatória, sendo que duas se negaram a participar, achando que seria algo contra eles. Outro caso, fui recebida pelo homem da casa, pedi para conversar com a mulher, o qual perguntou sobre o que seria, relatei sobre a pesquisa, orientei que não seriam divulgados os nomes ou dados e que as respostas não iriam interferir nas decisões por eles tomadas, até chamou sua mulher e suas duas filhas, porém quando começamos conversar, ele mesmo disse que não iria participar e não responderia as perguntas e que sua esposa também não queria.

Sobre a organização familiar todas são muito parecidas, seguindo uma estrutura organizacional europeia de origem polonesa na região do Guajuvira, que a maior parte é formada por seus descendentes e estes trazem os costumes até os dias de hoje.

Observando as residências, estas têm boa estrutura, todos possuem acesso a luz elétrica, água encanada (do poço) e saneamento com fossa séptica, internet e telefone normalmente celular, com casa e automóvel próprios. Dizem ter uma vida razoável dentro das possibilidades. Ainda tem os maquinários necessários para o trabalho na agricultura, bem como o necessário para suprir as necessidades.

As famílias são compostas pelo casal, estes casados tanto no civil quanto no religioso. A religião está muito presente e é parte muito importante da vida, os quais têm orgulho como destaca a entrevistada 3 "... temos que ter a benção de Deus também, não só o papel, ...", e os filhos que vivem juntos até se casarem. Raramente saem de casa antes do casamento.

As mulheres têm um papel muito importante no lar e na família, elas têm toda a parte organizacional e funcional por conta delas, com o aval dos companheiros que fazem se cumprir. Os filhos devem obediência ao pai, mãe e os demais mais velhos. As mulheres também ajudam nas lavouras, dirigem tratores e ou outros maquinários, elas estão sempre colaborando com o andamento da casa e das tarefas necessárias.

As decisões são tomadas na base do diálogo, porém, a palavra final é do homem da casa que decide conforme acredita ser o melhor naquele momento para a família, segundo a entrevistada Célia "... esta forma de decidir sempre foi assim, era meu pai que dizia para todos nós o que devíamos fazer e fazíamos e assim todos tinham que cumprir e continua assim, não se discute".

Teve outro caso que a mulher é viúva e relatou a dificuldade de fazer tudo sozinha, “sinto muita falta do meu marido”[...] “agora eu tenho que fazer e decidir tudo sozinha, antes era ele que fazia” (entrevistada 1).

WHITAKER, apud Vannuchi (1989, pág.64) complementa “... o modelo feminino é muito mais artificial, envolvendo maior grau de repressão e subordinação”, o que a pesquisa tem apontado.

Nas demais famílias entrevistadas foram muito parecidas as respostas. Outro fato observado é que as famílias têm em media dois ou três filhos e dizem ser difícil, educa-los, “são muito teimosos e não querem obedecer”. (Entrevistada 2)

Somente uma família que não tem filhos, os quais relataram não saber como será, apenas tem percebido nos sobrinhos, filhos de amigos ou parentes a dificuldade da educação dos mesmos, mas não opinaram.

De acordo com Vannuchi (2010) diz que o processo histórico é um momento específico de vivências e socialização, realizado pelos indivíduos, instituições ou famílias que responde pelas escolhas daquele momento pelos sujeitos. A educação recebida pela criança na família é a primeira forma de socialização e modelo sendo muito importante para a construção dos parâmetros entre meninos e meninas, tendo uma ação fundamental no que é ser homem e mulher. “Sendo assim é desde a infância que as famílias educam os meninos e meninas de acordo com o papel que irão desempenhar um conhecimento cultural destas famílias”. ( Grifos da pesquisadora)

As famílias esperam que seus filhos absorvam a educação recebida e se tornem adultos responsáveis e dignos, que possam desempenhar seus papéis de forma comprometidos sendo homens e mulheres bem sucedidos, porém esta visão não contempla a escolha dos filhos, e principalmente das filhas. Quando perguntado sobre a continuidade dos estudos, caso as meninas queiram. As respostas foram realistas como: “Ela não precisa estudar muito, irão se casar e o marido cuida dela, ela vai ter a família dela”. (entrevistada 3)

Num caso específico ao conversar com a pedagoga na escola da localidade, ela relatou que a filha mais velha de um casal não participava das atividades extraclasse que necessitavam de autorização por serem realizadas fora do ambiente escolar, pois os “pais” não autorizavam por medo de que algo pudesse acontecer e isto acontece muito quando é para dar continuidade aos

estudos ou cursos, “as meninas são barradas e não podem fazer, muitas vezes nem se discute, simplesmente não e pronto”.

## **Resultado**

A escolha do tema e pesquisa vem de encontro no momento em que as mulheres têm conquistado muitos direitos e avanços na sociedade, porém algumas ainda são muito dependentes de seus parceiros, companheiros ou pais, sendo que muitas vezes deixam de viver suas escolhas para viver as aparências culturais transmitidas há muitas gerações e que estão presentes na vida das mesmas.

No Brasil já estamos no caminho da diminuição destas e de outras tantas desigualdades, ainda que não seja o suficiente, pois há muitos problemas que as mulheres enfrentam para a superação dos preconceitos, e diferenças de gênero, é necessário continuar o trabalho de conscientização das possibilidades e necessidade de continuar buscando pelas mudanças.

Ao realizar a pesquisa bibliográfica sobre a abordagem da temática da mulher percebeu-se que a realidade vivenciada por estas mulheres se destaca pela diferença de culturas, aqui elas têm uma boa estabilidade, porém a dependência, uma condição de vida diferente e muitas outras descritas em outras matérias, documentários ou nas pesquisas, onde elas precisam lutar por seu sustento e melhoria da qualidade de vida, pois estão sozinhas e precisam se destacar superando o preconceito e as dificuldades, lutando pela terra, trabalho e melhoria das condições de vida.

Esta estabilidade percebida nesta pesquisa é passada de geração em geração, pois as famílias, desde muito cedo, educam seus filhos para estas escolhas. Os meninos são educados e ensinados para serem homens fortes e responsáveis pelo sustento e segurança da família, já as meninas são meninas mesmo, educadas para casar, limpar, cozinhar e serem mulheres e mães, cuidar da casa, dos filhos sendo submissas aos companheiros, os obedecendo e concordando com o que é decidido.

Ainda foram entrevistadas as filhas destas famílias na escola, sozinhas sem a interferência da família, de forma mais informal a fim de não gerar conflitos familiares. A realidade destaca alguns pontos muito interessantes, como os sonhos que as meninas têm de estudar, trabalhar, ter uma vida diferente, sair,

fazer outros cursos, viajar conhecer outras realidades e que elas não podem, pois não é permitido sair.

Ao serem questionados porque não podem fazer suas escolhas, elas apontaram que os pais têm medo que algo de ruim aconteça e não ser necessário, pois elas têm boas condições de vida oferecidas em casa e quando se casarem também terão estas condições garantidas pelos seus companheiros.

Durante as entrevistas com as famílias, transcorreu de forma natural e normal, conversei com as famílias, que foram muito hospitaleiras. (Como trabalho na localidade foi elencado as famílias que eu não tive muito contato ou conhecimento para não interferir na opinião e resultado)

A pesquisa foi realizada com todos da família presentes, fato que se observou, ao perguntar se eu poderia conversar com as mulheres da casa, gerou um tanto quanto de mal estar, onde trocaram olhares e questionaram o porque, então as conversas aconteceram com os que estavam presentes . Observando se a dependência da figura masculina.

Ficando evidente na pesquisa que há uma hierarquia nas decisões tomadas, sendo o homem como detentor da palavra final “sim ou não, pode ou não pode” e cabe a mulher cumprir, sem questionar e ainda isto é visto como normal, não sendo questionado, ou buscado mudar esta realidade hierárquica, para a igualdade de direitos.

Penso que a escola tem um papel muito importante, para auxiliar essa geração a refletir sobre estes conceitos e costumes. Ampliando o conhecimento e buscando valorizar o papel de cada individuo na família, sendo que todos são importantes na organização e vivencia, porém devem ter valorizado sua opinião e escolhas.

### **Das considerações**

Como parte de minha experiência de vida, este trabalho contribui para compreender certas atitudes da minha mãe, que foi minha referência, porém sempre questioneei, devido sua subordinação e alienação, até hoje ela me critica por não aceitar aquele modelo de vida e escolher outro, embora eu não concordasse, mas para ela aquilo era normal e assim que deveria ser.

Eu não compreendia porque ela agia daquela forma, uma vez que ela enquanto mulher tinha suas responsabilidades, ela fazia o papel de mãe, esposa,

dona de casa muito bem, com muito zelo e cuidado, muitas das tarefas e regras eram ditadas por meu pai e ainda assim ela ajudava meu pai na lavoura juntamente conosco.

Os desentendimentos eram constantes, de minha parte principalmente quando fui proibida de estudar, “mulher não precisa”. Isto me revoltava, porque mulher não precisa? Pensava eu porque? Enfim fui proibida. Sem apoio, parei de estudar, só consegui retornar muito mais tarde, quando aos vinte e quatro anos sai de casa com o “casamento”.

Atualmente as mulheres estão muito presentes em todas as atividades e conquistas, elas têm igual capacidade de desempenhar as tarefas descobrindo muitas possibilidades, resgatando sua autoestima que por muito tempo ficou esquecida, seguindo seus sonhos e conquistando seu espaço, porém nesta localidade do Guajuvira, área rural do Município de Araucária, isto ainda é muito difícil, as meninas tem muitos sonhos e desejos de estudar, trabalhar, conhecer novas realidades, mas o tempo passa e elas acabam reproduzindo a mesma realidade recebida e vivenciada pela maioria das mulheres e estas passam a ver esta realidade como normal, sem mais questionar, simplesmente aceitando. Isto se reflete nas estatísticas, um número muito pequeno de alunas que terminam o ensino médio e ainda menor que inicia algum curso superior ou técnico mesmo.

Tratando-se destas mulheres principalmente as alunas e também os alunos, é necessário desenvolver trabalhos de conhecimento cultural, onde estes possam se reconhecer como seres de direitos iguais, tanto na vida familiar, como na sociedade. É preciso conhecimento para fazer outras escolhas, diferentes daquelas que desde cedo nos são apresentados, não é ignorar o conhecimento adquirido, mas ter a capacidade de mudar e acrescentar novos conhecimentos e assim fundamentar e argumentar sobre as diferentes escolhas.

Diante desta realidade percebemos que há uma herança cultural muito forte herdada de seus antepassados, vindos da Europa, mais precisamente da Polônia, que foi e esta sendo transmitido fielmente às novas gerações, o que faz destes costumes uma regra a ser obedecida, sem se questionar. Aos que questionam são vistos como as “ovelhas negras” que desrespeitam as raízes.

Sendo assim é de fundamental importância que tais conhecimentos incluam as mulheres na participação efetiva da sociedade e no mundo acadêmico, político ou do trabalho no cenário atual, o que sem dúvida pode dar-

lhes uma passagem importante para sua realização pessoal e profissional, abrangendo todas as facetas de sua personalidade, respeitando suas escolhas e necessidades, a fim de que não sejam tão dependentes e possam vivenciar suas escolhas. E mesmo assim não estariam desrespeitando suas raízes, mas sim ampliando seus conhecimentos e vivências.

## REFERENCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. Editora Brasiliense. São Paulo, 2001

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. Editora Brasiliense. Campinas, 1986

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Caderno de Formação, nº15**, A mulher nas diferentes sociedades.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre, vol.20, n.2, jul. /dez, p. 71- 99, 1995.

VANNUCHI. Maria Lúcia. **A construção das identidades de gênero**. Espaço Caderno Feminino, Uberlândia, v. 23, n. 1 /2, p. 61-77, 2010.